

Presidente do Parlamento Europeu, Roberta Metsola
Conselho Europeu
29 de junho de 2023

Os acontecimentos na Rússia suscitaram uma série de questões relacionadas com a sua dinâmica interna e a fragilidade dos seus sistemas, bem como com os seus efeitos na invasão da Ucrânia e na segurança europeia no seu conjunto.

A solidariedade para com a Ucrânia deve permanecer no topo da agenda da UE. É tão crucial para a Ucrânia como para a Europa. Temos de nos manter firmes, mesmo que nos próximos meses a situação se torne mais difícil na Ucrânia.

Neste contexto, saúdo o décimo primeiro pacote de sanções e o montante adicional de 50 mil milhões de euros de apoio à reparação, recuperação e reconstrução da Ucrânia, anunciados na semana passada.

Este reforço exigirá que cumpramos as promessas que fizemos no que respeita à abertura das negociações de adesão à UE. O empenho e os esforços substanciais da Ucrânia na via da reforma, nomeadamente no que diz respeito ao cumprimento dos requisitos para o seu estatuto de país candidato à UE, têm sido extraordinários.

Temos de estar prontos para conduzir as negociações de adesão à fase seguinte, quando os critérios de reforma tiverem sido suficientemente cumpridos, e espero que tal aconteça quanto antes.

O reforço da nossa base industrial relacionada com a defesa, a melhoria da inovação, a redução das nossas dependências, o aumento da nossa autonomia e o fortalecimento da confiança devem ser centrais para a nossa nova política de segurança e defesa. O acordo político que alcançámos esta semana sobre a contratação pública conjunta no setor da defesa ajudará os Estados-Membros a reabastecerem-se em termos de necessidades de defesa e a tornarem-se mais interoperáveis. Ajudará também os ucranianos, que contam com as nossas entregas de armas e munições.

Os progressos nas nossas negociações sobre a Lei de Apoio à Produção de Munições (ASAP) são também encorajadores e continuo convencida de que, depois de o Parlamento ter adotado a sua posição há um mês, chegaremos a um acordo político nas próximas semanas.

Juntos, fazemos corresponder a oferta à procura. Fazemos corresponder a ação à retórica. Apresentamos resultados.

E agora temos de concretizar uma nova arquitetura de segurança e defesa em que asseguremos que a UE e a NATO são capazes de se complementar, sem criar duplicações ou dar a sensação de concorrência.

Temos também de apresentar resultados em matéria de migração. É urgente. Na semana passada, o cemitério do Mediterrâneo reclamou a vida de mais 300 pessoas, muitas das quais nunca serão identificadas. São mais 300 sonhos destruídos. Mais 300 famílias desfeitas para sempre.

Fizemos progressos importantes. O Parlamento Europeu está disposto a trabalhar, de forma construtiva, para encontrar, até ao final da presente legislatura, um caminho a seguir que

respeite as fronteiras, que seja justo com os que necessitam de proteção, firme com aqueles que não são elegíveis, e que rompa o modelo de negócio dos traficantes que se aproveitam das pessoas vulneráveis. Devem ser a nossa legislação e o nosso quadro jurídico a criar as regras e não as redes de tráfico. Quanto mais tempo esperarmos, mais fortes se tornarão as redes e mais vidas se perderão. A Frontex desempenha um papel importante e fundamental neste contexto.

Também não podemos ignorar a dimensão externa desta questão. Temos um papel que nos permite investir e cooperar mais com os países africanos. No entanto, não podemos cometer o velho erro de falar com África apenas no que diz respeito à migração. Temos de nos empenhar estrategicamente em investimentos, em projetos conjuntos e num espírito de parceria. Temos de falar com os países africanos, e não para eles, e temos de compreender que, se recuarmos, então os países africanos procurarão simplesmente outros parceiros.

Temos de reavaliar a forma como interagimos em todo o mundo. Reequilibrar as nossas relações políticas e económicas com parceiros fundamentais em todo o mundo. Com as democracias latino-americanas sobre matérias-primas críticas e acordos comerciais que são fundamentais para fazer avançar a nossa transição digital e ecológica.

Temos também de dialogar mais com países como a Índia.

A União Europeia é o terceiro maior parceiro comercial da Índia e o segundo maior destino de exportação. Partilhamos muitas prioridades, incluindo a luta contra as alterações climáticas, a tecnologia e a segurança. Existem tantas oportunidades por explorar.

A Europa tem sido o interveniente mundial mais influente na promoção da agenda internacional em matéria de descarbonização, diversificação energética e luta contra as alterações climáticas. Isto é importante, mas temos de melhorar a atenuação do impacto económico e social de todas estas decisões. Temos de explicar melhor os nossos métodos e as nossas razões.

As pessoas devem ter confiança no processo e ser capazes de o pagar. Temos de ouvir mais e prestar mais atenção aos nossos cidadãos, às nossas empresas e aos nossos jovens. Temos de pensar em formas de fazer com que as pessoas nos sigam.

A inflação persiste. As famílias enfrentam uma diminuição dos salários reais. O Banco Central Europeu ajuda a resolver este problema através do aumento das taxas de juro, mas também esta medida tem um impacto social que seria errado ignorar.

É por esta razão que, se queremos realmente executar as nossas prioridades e permanecer credíveis, precisamos de um orçamento da UE que seja adequado à sua finalidade.

Chegou o momento de criar novos recursos próprios. À medida que pagamos a dívida do NextGenerationEU, devem ser disponibilizadas novas fontes de receitas. Tal não pode ser feito em detrimento de políticas e programas de longa data da União.

A esta questão associa-se a necessidade de adaptar o nosso orçamento de longo prazo da UE no sentido de refletir a nossa realidade atual. Não há dúvida de que, desde a adoção do atual Quadro Financeiro Plurianual em 2020, o mundo mudou e temos de mudar com ele. Há anos que apelamos a uma revisão do QFP e o Parlamento está pronto a desempenhar o seu papel. Esta revisão é, aliás, também fundamental para projetos de infraestruturas que possam ajudar em termos de defesa e segurança, como os caminhos de ferro que funcionam também como

linhas críticas de mobilidade militar. Algumas destas decisões exigem unanimidade e teremos todos um papel a desempenhar.

Trata-se de preparar as nossas economias para o futuro. E da forma de devolver este nosso projeto mais forte do que o encontramos.

Os próximos meses devem caracterizar-se por resultados. O processo para chegar a acordo sobre um período eleitoral já se revelou difícil. A data por defeito baseia-se numa realidade de 1979, quando a União tinha apenas nove Estados-Membros. Precisamos de uma reconsideração coletiva sobre a forma de identificar a data. Debatemos agora a composição do Parlamento. Têm a nossa proposta sobre a lei eleitoral, mas obter uma posição no Conselho está a revelar-se demasiado difícil. O que sabemos com toda a certeza sobre o nosso projeto é que, se paramos, estagnamos.

Temos uma proposta de convenção com base na nossa ampla Conferência sobre o Futuro da Europa. Temos de estar preparados para o alargamento, pelo que, enquanto a Moldávia, a Ucrânia e outros países dos Balcãs Ocidentais estão a executar reformas e a preparar-se, temos de fazer o mesmo.

Chegou o momento de uma mudança de pensamento coletiva. Muitos já se posicionaram nesta mudança geopolítica. Temos de estar prontos para fazer o mesmo.

Muito obrigada.